

BASÍLICA DE HAGIA SOPHIA

HAGIA SOPHIA BASILICA

CAMILA MEDEIROS

Resumo

O artigo a seguir aborda uma análise crítica sobre a obra arquitetônica da Basílica de Santa Sofia pautada por conceitos estéticos e as nas leis da Gestalt. Por fim, abordaremos de forma analítica os principais pensadores sobre o restauro e suas teorias com aplicação de forma a refletir na obra em estudo.

Palavras-chave: Hagia; Sophia; Estética; Gestalt; Restauro

Abstract

The following article addresses a critical and explanatory analysis of the architectural work of the Hagia Sophia based on aesthetic concepts and the laws of Gestalt. We will approach in an analytical way the main thinkers about restoration and their theories with application in order to reflect on the work under study.

Keywords: Hagia; Sophia; Aesthetics; Gestalt; Restoration

1. HISTÓRICO DA OBRA

1.1 CONTEXTO

“Salomão, eu te superei!”

(Justiniano, 537 d.C. - famosa frase proferida pelo imperador Justiniano I ao ver a conclusão da obra da Basílica)

Construída em Constantinopla, atual Istambul, na Turquia, durante o Império Bizantino, entre os anos de 532 e 537 d.C., por ordem do imperador Justiniano I, a basílica de *Hagia Sophia*, significa “Sabedoria Divina” e reflete seu caráter religio-

so e simbólico. Justiniano desejava que a basílica fosse uma afirmação de sua autoridade imperial e espiritual, o que ficou immortalizado em representações como o mosaico na Basílica de San Vitale, em Ravena, onde ele é mostrado oferecendo a igreja a Cristo (Mango, 1997).

A obra foi projetada pelos arquitetos Antêmio de Trales e Isidoro de Mileto, matemáticos e engenheiros renomados da época. Eles receberam a missão de criar um edifício que unisse monumentalidade, inovação técnica e função litúrgica. A *Hagia Sophia* foi construída sobre os restos de duas igrejas anteriores — a chamada *Grande Igreja*, erguida por Constantino, e sua reconstrução feita por Teodósio II, destruída durante revoltas e incêndios (Mainstone, 1988).

A edificação é considerada um dos marcos da arquitetura da Antiguidade Tardia e um dos exemplos mais extraordinários do uso de cúpulas no mundo antigo. Sua cúpula central, com cerca de 31 metros de diâmetro e situada a 55 metros de altura, representou uma façanha técnica ao parecer “suspensa do céu por uma corrente de ouro”, como descreveu o historiador Procópio (Eyice, 2012).

Originalmente, a Basílica serviu como centro da Igreja Ortodoxa Bizantina (360–1453), com uma breve ocupação pelo Patriarcado Latino durante o domínio cruzado (1204–1261). Com a conquista otomana de Constantinopla em 1453, passou a ser uma mesquita islâmica, tendo seus mosaicos cristãos cobertos por reboco e recebendo elementos típicos da fé muçulmana, como os minaretes (Necipoğlu, 2005). Em 1935, foi secularizada e convertida em museu pelo governo da República da Turquia, sob o comando de Mustafa Kemal Atatürk (Unesco, 2020).

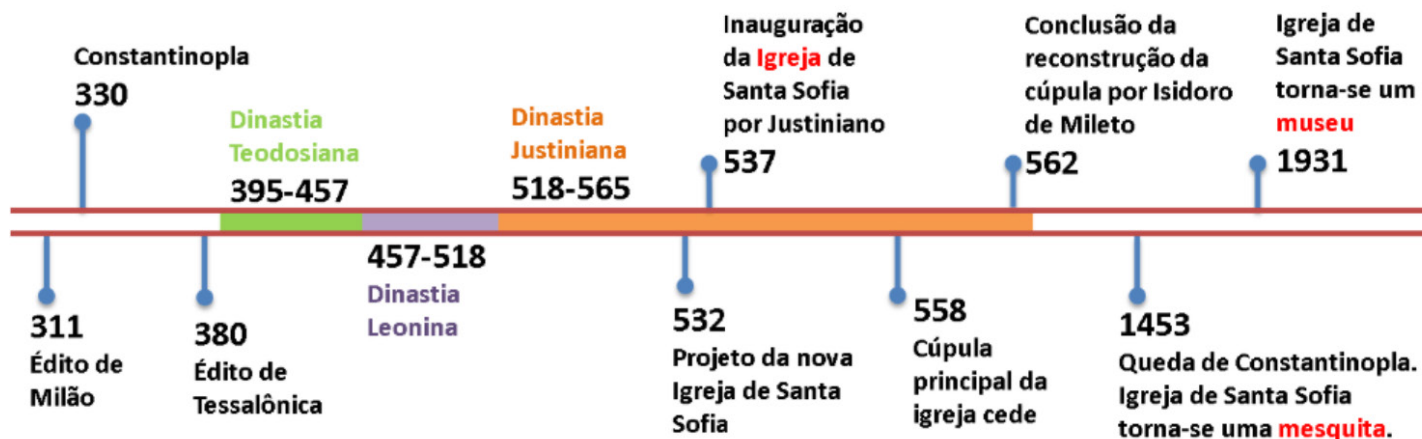


Figura 1 : Linha do tempo.

Fonte: Existe arquitetura no céu, 2015.

Ao longo dos séculos, *Hagia Sophia* passou por diversas restaurações e reformas, em resposta a incêndios (como o ocorrido em 859), terremotos (como os de 869 e 989), e até mesmo profanações, como durante a Quarta Cruzada, quando foi saqueada pelas forças latinas (Harris, 2014). Em 994, sua decoração interna foi renovada, refletindo as transformações religiosas e estéticas pelas quais passou (Krautheimer, 1986).

1.2 ESTRUTURA E MATERIAIS

O histórico da Basílica de *Hagia Sophia*, no âmbito da arquitetura, pode ser analisado a partir das técnicas construtivas e dos materiais aplicados em sua edificação. A planta da construção é

em cruz grega, característica marcante do estilo bizantino, sendo essa forma um partido arquitetônico comum nas edificações religiosas dessa época (Mango, 1997). A organização espacial da basílica distribui-se da seguinte maneira:

1. Nartex Interno – destinado às pessoas que ainda não foram batizadas;
2. Naves Laterais – áreas reservadas para os fiéis comuns;
3. Nave Principal – espaço exclusivo para o clero e a família imperial, refletindo a hierarquia social e religiosa vigente;
4. Abside – local onde fica o altar;
5. Batistério – espaço destinado à administração dos batismos.

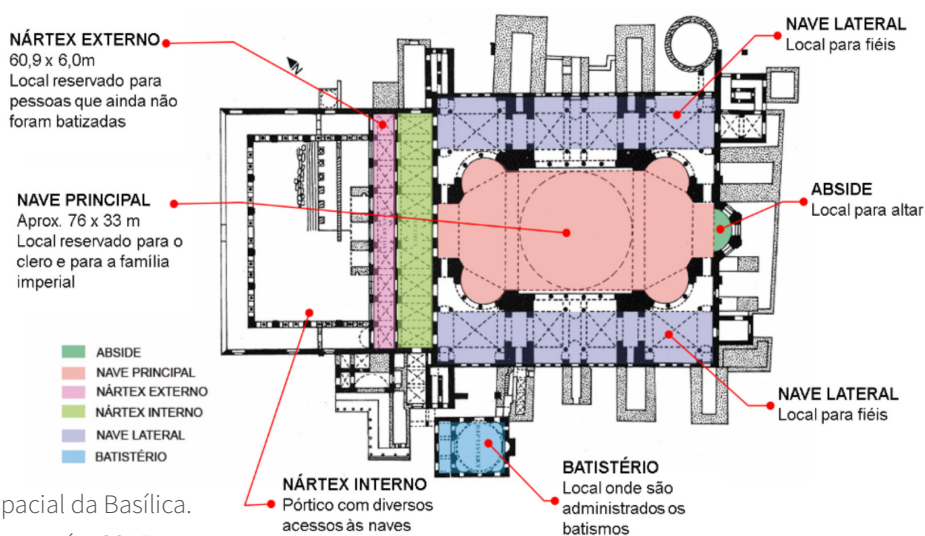


Figura 2 : Disposição espacial da Basílica.

Fonte: Existe arquitetura no céu, 2015.

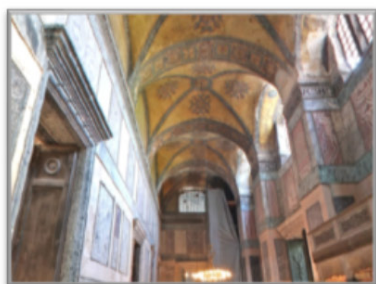


Figura 03. Nártex interno
Coberturas em abóbodas de arestas revestidas em azulejo coloridos com fundo a ouro; Paredes revestidas em mármore talhado.



Figura 04. Colunata com detalhes rendilhados.

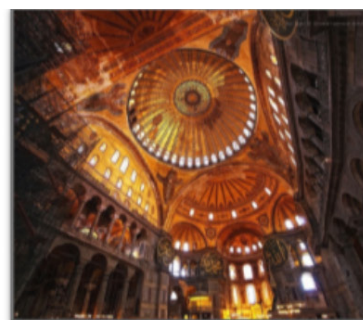


Figura 05: Nave central
Cobertura em cúpula e semi-cúpulas dão a sensação de amplitude do espaço, proporcionando perspectivas.

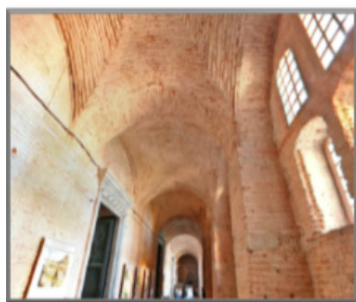


Figura 06. Nártex externo
Coberturas em abóbodas de arestas feitas em pedras.

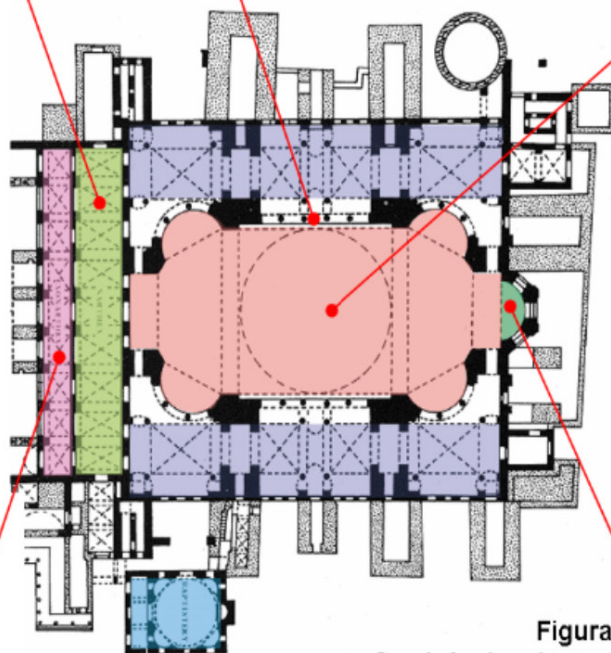


Figura 07. Ábside
Semicúpula coberta de mosaicos



Figura 3: Elementos de composição estética da basílica.

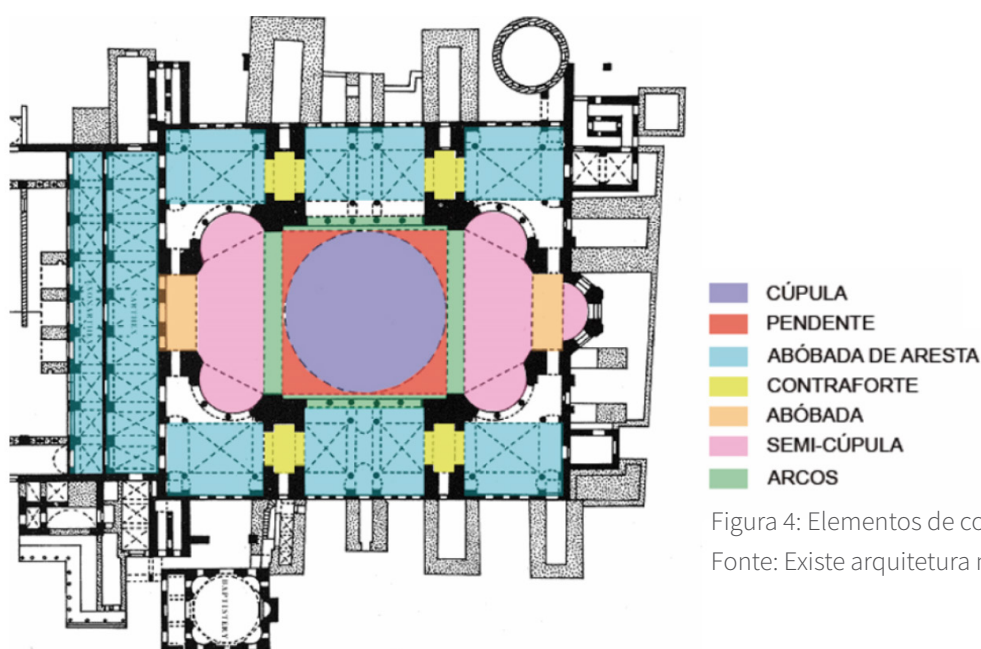
Fonte: Existe arquitetura no céu, 2015.

Como herança da cultura oriental, *Hagia Sophia* faz uso abundante de decoração rica e materiais preciosos, como mármore importados de diversas regiões, ouro e pedras nobres. O imperador Justiniano não poupou gastos para expressar a magnitude da Igreja, cujo interior luxuoso apresenta paredes revestidas com mármore colorido, colunas com detalhes rendilhados e revestimentos superiores em ouro e azulejos policromáticos (Kettle, 2004).

Um dos elementos mais impressionantes da basílica é sua cúpula, que possui 40 aberturas próximas à base, permitindo a entrada de luz natural e criando a ilusão visual de que a cúpula está flutuando (Mainstone, 1997). A nave central e a abside, áreas

utilizadas pelo clero e pela família imperial, são mais iluminadas, enquanto as naves laterais são menos iluminadas, criando um jogo de claro-escuro que reforça a dimensão simbólica do espaço sagrado (Fletcher, 1996).

A cobertura, composta por uma combinação inovadora de cúpula e semi-cúpulas, permitiu um vão livre maior, solucionando desafios estruturais da época. A cúpula repousa sobre uma base quadrada através do uso de arcos, que distribuem os empuxos para o solo. Seu ponto mais alto atinge 55,6 metros do chão, sustentado por uma arcada contendo 40 janelas arqueadas que favorecem a iluminação e a leveza da estrutura (Mango, 1997). Os arcos nas di-



- CÚPULA
- PENDENTE
- ABÓBADA DE ARESTA
- CONTRAFORTE
- ABÓBADA
- SEMI-CÚPULA
- ARCOS

Figura 4: Elementos de composição estrutural da basílica.
Fonte: Existe arquitetura no céu, 2015.



reções leste e oeste dão origem às semi-cúpulas, das quais partem duas êxedras em cada lado, contribuindo para a distribuição eficiente das cargas da cobertura (Mainstone, 1997).

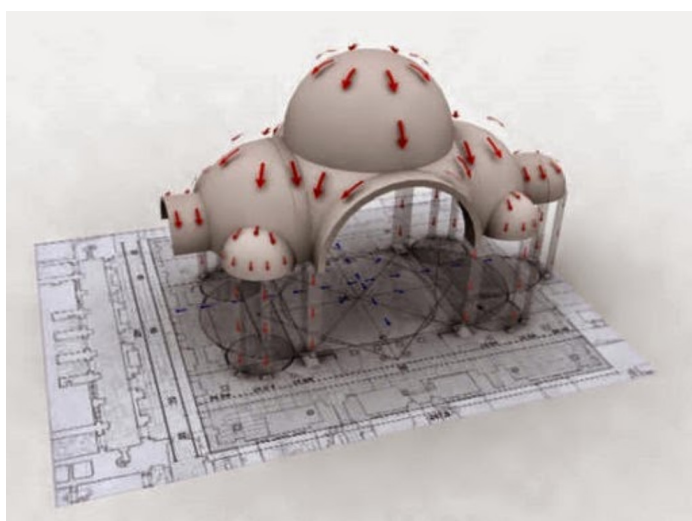


Figura 5: Distribuição de cargas à partir da cúpula.
Fonte: Existe arquitetura no céu, 2015.

Além da arquitetura estrutural, os mosaicos dourados originalmente cobriam todas as superfícies internas da Basílica, da cúpula até as galerias, conferindo uma atmosfera celestial e de riqueza simbólica ao espaço. Atualmente, restam apenas vestígios dessas obras de arte, mas sua importância permanece evidenciada nas descrições históricas (Kettle, 2004).



Figura 6: Mosaicos da Basílica.
Fonte: Alamy, 2009.



Figura 7: Mosaicos da Basílica.

Fonte: Alamy, 2009.

2. ANÁLISE ESTÉTICA

2.1 ENQUANTO OBJETO

Ao desenvolver projetos nas áreas de arquitetura, paisagismo e urbanismo, uma das principais preocupações do arquiteto é o impacto visual que esses espaços exercerão sobre os usuários. A estética da forma, que será incorporada ao cotidiano da população, possui o potencial de gerar não apenas experiências visuais, mas também influências psicológicas significativas. Portanto, a disposição dos elementos que compõem um projeto deve ser criteriosamente analisada de forma a atender tanto às demandas funcionais quanto à experiência sensorial e perceptiva dos indivíduos, buscando sempre a unidade visual e formal do conjunto (Ching, 2015).

A percepção visual é um fenômeno de ordem psicofisiológica, sendo essencial compreender que o modo como o ser humano percebe a forma é fundamental para sua interação com o espaço construído. Nesse sentido, a psicologia da forma — Gestalt — oferece uma estrutura teórica relevante para a compreensão desses mecanismos perceptivos. De acordo com Arnheim (2004), os princípios da Gestalt,

como proximidade, similaridade, continuidade, simetria, fechamento e pregnância, são fundamentais para a organização visual e cognitiva dos elementos no espaço.

Kepes (1944) destaca que, para a experiência estética ser plenamente alcançada, é necessário apreender a forma em si, antes de interpretá-la enquanto significado. Ou seja, a percepção deve se basear inicialmente na forma pura e na estrutura resultante das relações entre os elementos visuais.

A arquitetura, ao longo da história, sempre esteve em constante diálogo com os conceitos estéticos, buscando aprimorar estilos anteriores, seja pela valorização do belo, seja por respostas a demandas funcionais ou simbólicas. Nesse contexto, os princípios da Gestalt auxiliam a compreender por que determinadas formas são percebidas como belas ou impactantes, revelando a intencionalidade do projeto arquitetônico na sua comunicação visual (Munari, 2006).

Aplicando essa abordagem teórica à análise da Basílica de Santa Sofia, observa-se que a obra expressa com clareza os princípios gestalticos mencionados. A monumentalidade e a organização espacial da edificação, datada do século VI, refletem o uso consciente de simetria, continuidade das formas e pregnância visual, revelando uma composição harmônica que contribui para sua expressividade simbólica e estética até os dias atuais (Eyice, 2012).

Assim, ao considerar os fundamentos da Gestalt na leitura de projetos arquitetônicos históricos como a *Hagia Sophia*, é possível compreender a intencionalidade formal e perceptiva que sustenta sua relevância visual e simbólica no imaginário coletivo.

2.1.1 PROXIMIDADE

Segundo os princípios da psicologia da forma, elementos visuais adjacentes tendem a ser percebidos como uma unidade coesa quando comparti-

ham características como cor, forma, brilho, textura, direção ou espaçamento. Essa tendência é descrita pela Gestalt como o princípio da proximidade, que orienta o agrupamento perceptivo de estímulos visuais semelhantes ou próximos entre si (Arnheim, 1988; Koffka, 1935). Esses princípios são fundamentais na composição arquitetônica, pois influenciam diretamente na leitura espacial e na experiência estética do observador.

Na Basílica de Santa Sofia, construída entre 532 e 537 d.C. em Constantinopla, esse conceito pode ser claramente identificado nas colunas que sustentam a cúpula principal e nos arcos que interligam essas colunas. A disposição regular e equidistante das colunas ao redor da nave central cria uma percepção de ordem e coesão visual, favorecendo uma leitura espacial unificada (Eyice, 2012). A similaridade formal das colunas, associada à sua proximidade, intensifica a sensação de continuidade, reforçando a hierarquia espacial do ambiente.

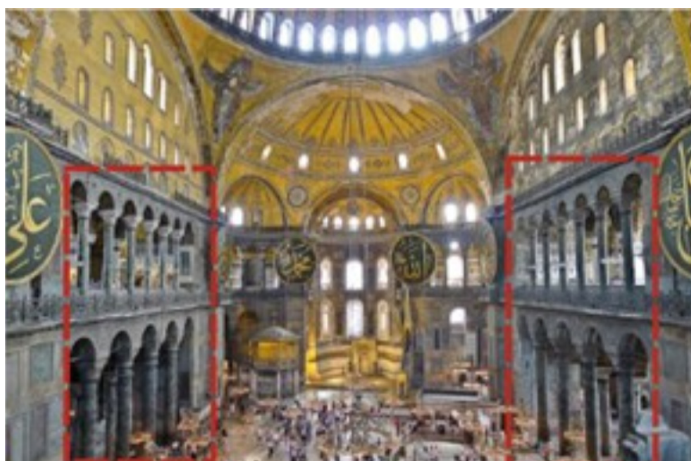


Figura 8: Princípio da proximidade exemplificado na Basílica.

Fonte: Foto de Enis Can Ceyhan com adaptações da autora.

Além disso, os arcos conectores obedecem aos mesmos princípios perceptivos. Sua curvatura uniforme e a distribuição simétrica proporcionam um ritmo visual que conduz o olhar do observador ao longo do eixo longitudinal do templo. Essa organização espacial não apenas cumpre função estrutural, mas também promove uma estética harmônica e integrada, guiando o espectador por meio da arquitetura de forma quase intuitiva (Zevi, 2007). Assim, pode-se afirmar que o uso consciente dos princípios gestálticos, especialmente da **proximidade**, contribui significativamente para a eficácia visual e simbólica da arquitetura da Hagia Sophia. A combinação entre funcionalidade estrutural e clareza perceptiva demonstra o domínio técnico dos arquitetos bizantinos na criação de um espaço que une espiritualidade, simetria e monumentalidade.

2.1.2 SEMELHANÇA E SIMETRIA

A semelhança e a simetria são princípios fundamentais da percepção visual descritos pela psicologia da Gestalt, que explicam como elementos com características semelhantes tendem a ser agrupados na formação de um todo significativo. Segundo Arnheim (1988, p. 39), “os elementos que compartilham atributos visuais, como forma, cor ou orientação, são percebidos como pertencentes a uma mesma unidade, reforçando a coesão do campo visual”.

Na arquitetura da Basílica de Santa Sofia, esses princípios são evidenciados em diversos aspectos da composição formal. A repetição sistemática de colunas e arcos que compartilham **proporções semelhantes, materiais uniformes e formas curvas suaves** é um claro exemplo do uso da **semelhança** como recurso organizacional e estético. A padronização dos materiais – notadamente mármore e pedra de coloração terrosa – cria uma uniformidade visual que contribui para a leitura harmônica do es-

paço (Eyice, 2012).

Essa uniformidade também se estende aos revestimentos, os quais seguem padrões geométricos e cromáticos recorrentes, reforçando o conceito de pregnância, ou seja, a tendência do sistema percep-



Figura 9: Princípio da semelhança exemplificado na Basílica.

Fonte: Foto de Enis Can Ceyhan.

Além disso, a simetria é um elemento estruturante da concepção arquitetônica da basílica. Sua planta centralizada e a disposição equidistante dos elementos em torno de um eixo axial promovem uma sensação de estabilidade e ordem espacial. Para Zevi (2007), a simetria é historicamente associada à busca por equilíbrio formal, especialmente em edificações de cunho religioso, onde o ordenamento visual colabora com a experiência simbólica e espiritual do espaço.

Assim, a utilização consciente da semelhança e da

tivo a preferir formas organizadas e simples (Koffka, 1935). A **relação entre semelhança e proximidade** ainda atua como um mecanismo complementar na unificação visual da arquitetura, promovendo equilíbrio e continuidade.



simetria em Santa Sofia não apenas atende a critérios funcionais e estruturais, mas contribui decisivamente para a experiência estética e perceptiva do usuário, confirmando o domínio do conhecimento visual por parte dos arquitetos bizantinos.

2.1.3 CONTINUIDADE

O princípio da continuidade refere-se à tendência do sistema perceptivo humano de organizar estí-

mulos visuais em sequências fluidas e ininterruptas. Segundo Filho (2003, p. 58), “a continuidade é a impressão visual de que as partes seguem uma determinada direção ou ordem perceptiva da forma, formando um todo coeso”. Este princípio é fundamental para a leitura de composições espaciais e arquitetônicas, pois orienta o olhar do observador de maneira natural ao longo dos elementos do ambiente.

Na Basílica de Santa Sofia, o princípio da continuidade se manifesta com clareza tanto na **organização volumétrica da fachada** quanto na disposição interna dos elementos estruturais e decorativos. A repetição de arcos, colunas e faixas ornamentais cria **linhas visuais contínuas** que guiam o observador pelo espaço, promovendo uma sensação de fluidez espacial. Como aponta Arnheim (1988), “a continuidade visual assegura que a percepção não seja fragmentada, permitindo ao observador experimentar o espaço como uma sequência organizada de formas inter-relacionadas”.

As **linhas horizontais e verticais**, presentes nos arcos e ornamentos dispostos ao longo das paredes da basílica, exemplificam esse princípio. A geometria repetitiva dos **arabescos e padrões bizantinos** também contribui para a manutenção dessa fluidez visual, estabelecendo uma conexão entre diferentes setores da estrutura. Essa organização não apenas atende a demandas estéticas, mas também reforça a coerência estrutural e simbólica do edifício.

A continuidade se faz presente ainda na composição da fachada, onde os volumes são sobrepostos verticalmente de maneira gradual, promovendo uma leitura sequencial ascendente. Essa **continuidade de vertical** confere à arquitetura uma sensação de crescimento e elevação, favorecendo uma experiência estética que combina estabilidade estrutural e transcendência espiritual — valores frequentemente associados à arquitetura religiosa do período bizantino (Eyice, 2012).



Figura 10: Princípio da continuidade exemplificado na Basílica.
Fonte: Fotos de Enis Can Ceyhan.



Figura 11: Princípio da continuidade exemplificado na Basílica.
Fonte: Foto de Enis Can Ceyhan com adaptações da autora.

2.1.4 PREGNÂNCIA DA FORMA

O princípio da *pregnância da forma*, também conhecido como “boa estrutura” (*gute Gestalt*), é um dos fundamentos centrais da teoria da Gestalt. Segundo Filho (2003, p. 36), esse princípio estabelece que “qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a estrutura resultante é tão simples quanto o permitam as condições dadas, no sentido da harmonia e do equilíbrio visual”. Ou seja, o observador tende a perceber formas claras, organizadas e estáveis, favorecendo uma interpretação visual que privilegia o equilíbrio compositivo.

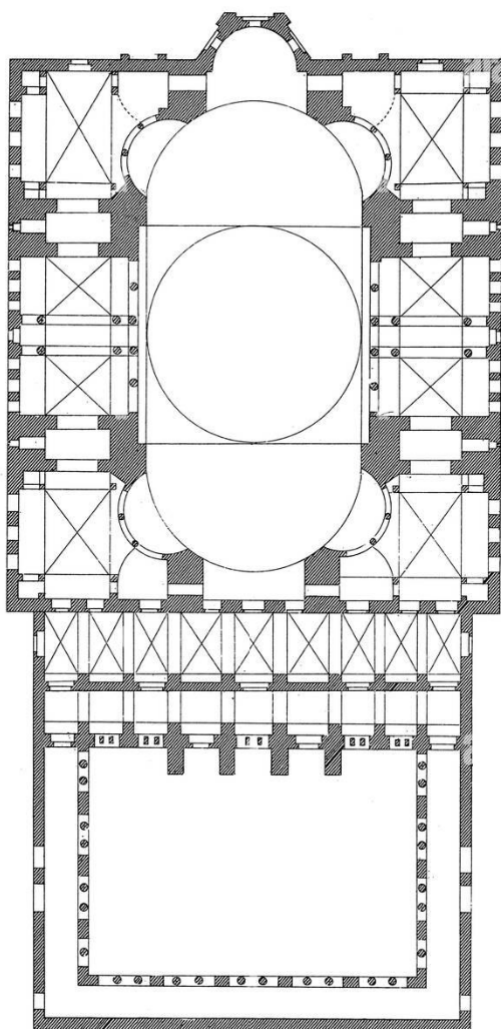


Figura 12: Planta baixa da Basílica.
Fonte: Alamy, 2009.

Na Basílica de Santa Sofia, esse princípio é amplamente observado na **organização simétrica e centralizada da planta**, que segue um padrão cruciforme. Essa estrutura cruciforme é organizada a partir de uma cúpula central monumental, sustentada por quatro grandes pilares que se conectam por meio de arcos, formando um sistema de apoios claro e inteligível. Tal composição favorece a legibilidade espacial, promovendo a sensação de ordem e estabilidade visual.

Arnheim (1988) reforça que “a boa forma resulta da organização de elementos em estruturas que facilitam sua apreensão imediata, devido à coerência interna e simplicidade visual”. A **cúpula central da Basílica**, elemento de destaque do conjunto, exemplifica perfeitamente esse princípio: sua forma semiesférica, de proporções regulares, com uma base circular perfurada por quarenta janelas, proporciona uma leitura clara e pregnante, tornando-se um ícone perceptivo dominante na composição arquitetônica.

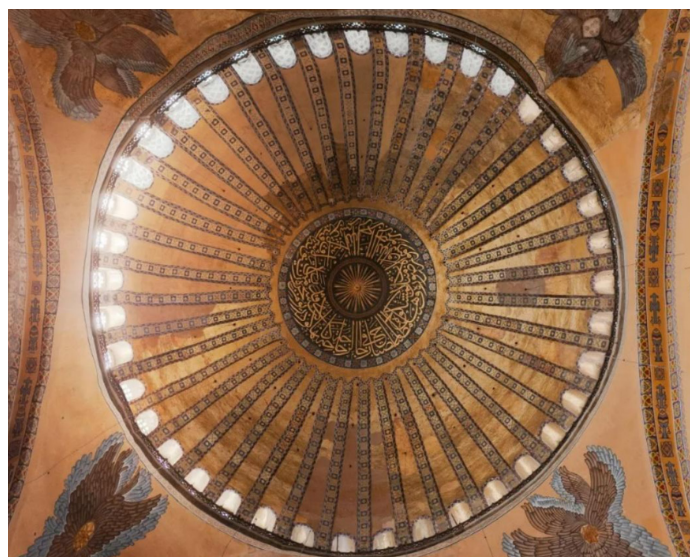


Figura 13: Cúpula na Basílica.
Fonte: Foto de Enis Can Ceyhan.

Além da estrutura em planta e da cúpula, os padrões repetitivos nos elementos decorativos e nos revestimentos marmóreos também contribuem para a pregnância. Esses padrões seguem **ordenação geométrica** e **simetria formal**, reforçando o entendi-

mento imediato das formas pelo observador e ampliando o impacto visual da edificação.

Como observa Eyice (2012), a Basílica de Santa Sofia sintetiza o ideal bizantino de expressar o divino por meio da ordem e da clareza das formas, sendo um exemplo emblemático da aplicação dos princípios perceptivos que posteriormente seriam sistematizados pela Gestalt.

2.1.5 FECHAMENTO

O princípio do fechamento, segundo a teoria da Gestalt, refere-se à tendência do sistema perceptivo humano de *completar visualmente formas incompletas*, criando figuras coesas mesmo na ausência de contornos físicos completos. Como explica Filho (2003, p. 40), “as forças de organização da forma encaminham-se espontaneamente para uma composição ordenada que propende para a formação de uma unidade fechada”. Assim, a percepção de uma figura não depende exclusivamente de suas bordas físicas, mas da *organização e continuidade dos elementos visuais*, que induzem o observador à interpretação de um todo concluído.

Na Basílica de Santa Sofia, esse princípio se manifesta com clareza na composição da cúpula central e dos arcos que a sustentam. Ainda que essas estruturas não sejam totalmente fechadas fisicamente — uma vez que há aberturas entre colunas e janelas —, a disposição espacial e a coerência formal entre colunas, arcos e superfícies abobadadas criam uma sensação de fechamento visual. O observador, ao experienciar o espaço, completa perceptivamente as lacunas entre os elementos arquitetônicos, percebendo a cúpula como uma forma completa e estável.

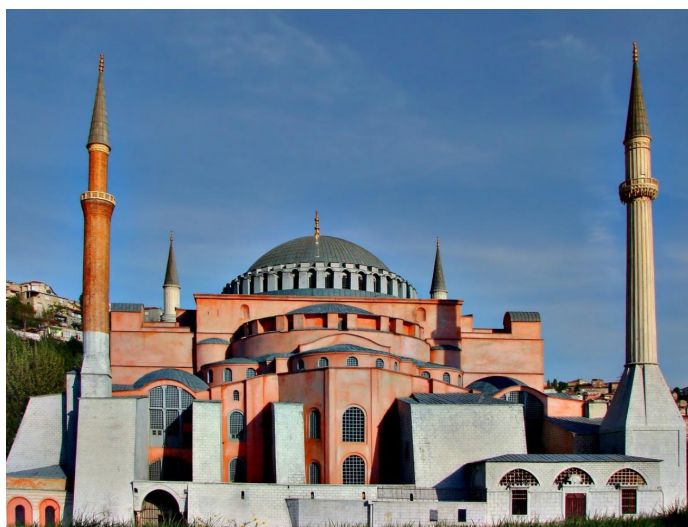


Figura 14: Fachada da Basílica.

Fonte: Foto de Enis Can Ceyhan.

Arnheim (1988) destaca que a percepção humana tende a preencher mentalmente aquilo que falta, desde que haja indícios estruturais que apontem para a continuidade: “A mente conclui aquilo que é sugerido pela organização parcial da forma” (Arnheim, 1988, p. 115). É o que ocorre na fachada principal da basílica, onde, apesar da complexidade das ornamentações — arcos, janelas, painéis e detalhes decorativos —, a composição é percebida como uma unidade coesa, com limites visuais bem definidos.

Além disso, a forma da planta em cruz grega e o arranjo equilibrado dos volumes que compõem a estrutura reforçam o efeito de fechamento. Mesmo com a existência de múltiplos acessos, vãos e aberturas laterais, a configuração simétrica e o uso reiterado de elementos similares garantem uma leitura visual que tende à unidade. Isso contribui para que o edifício, como um todo, seja percebido como uma forma fechada e completa, característica valorizada tanto do ponto de vista funcional quanto estético.

A PERSPECTIVA DO RESTAURO DA BASÍLICA HAGIA SOPHIA E OS VALORES ATRIBUÍDOS À OBRA ARQUITETÔNICA

A Basílica de Hagia Sophia, em Istambul, é um dos exemplos mais emblemáticos de arquitetura monumental do mundo, resultado de um processo histórico complexo e multifacetado. Edificada originalmente no século VI, durante o reinado do imperador Justiniano, foi reconstruída três vezes, enfrentando eventos destrutivos como incêndios, terremotos e saques. Ao longo dos séculos, sofreu sucessivas transformações de uso e significado: de igreja cristã ortodoxa passou a ser catedral católica, posteriormente mesquita islâmica, museu no século XX e, recentemente, foi reconsagrada como mesquita. Tais mudanças não apenas alteraram seu uso funcional, como também marcaram fisicamente sua estrutura com intervenções arquitetônicas significativas (Kleiner, 2015).

Dessa forma, embora a basílica seja considerada o ápice da arquitetura bizantina, apresenta características que transcendem um único estilo, incorporando elementos otomanos e modernos que testemunham sua trajetória cultural e histórica diversa. Nesse sentido, o debate sobre os valores atribuídos à obra arquitetônica e as abordagens possíveis de restauro torna-se fundamental para compreender o papel da preservação do patrimônio construído.

Sob a ótica das teorias do restauro, a Basílica de *Hagia Sophia* pode ser analisada à luz dos princípios de autores como Cesare Brandi, Alois Riegl e Salvador Muñoz Viñas. Para Brandi (2004), o restauro deve visar a recuperação da unidade potencial da obra, respeitando sua integridade material e estética, mas sem apagar as marcas do tempo. Isso implica preservar os elementos originais bizantinos, como os mosaicos, as colunas e a monumental cúpula central. Já Riegl (1987), ao conceber o “valor histórico” como essencial ao patrimônio, enfatiza que todas as camadas temporais de um edifício são válidas, pois constituem evidência do seu percurso histórico. Assim, os minaretes, arabescos e adaptações islâmicas devem igualmente ser preservados, pois são parte

indissociável da identidade acumulativa da Hagia Sophia.

Complementando essa abordagem, Muñoz Viñas (2005) ressalta que as intervenções contemporâneas no patrimônio devem ser mínimas, documentadas e reversíveis, de modo a garantir a legibilidade e autenticidade da obra. No caso de Hagia Sophia, as restaurações realizadas durante sua transformação em museu no século XX, e mesmo os cuidados recentes após sua reconsagração como mesquita, devem seguir tais preceitos técnicos, considerando não apenas o valor estético, mas também o ético e simbólico da preservação.

Em comparação com os posicionamentos clássicos de Viollet-le-Duc, Ruskin e Camillo Boito, observa-se que *Hagia Sophia* não se enquadra rigidamente em uma única teoria de restauro. Viollet-le-Duc (1990) defendia a restauração estilística idealizada, na qual uma obra deveria ser reconstruída em sua forma “completa”, mesmo que essa versão jamais tenha existido historicamente. Ruskin (2000), por outro lado, era radicalmente contrário à ideia de restauro, pois via nas ruínas a expressão autêntica da passagem do tempo e da ação da natureza e da humanidade. Boito (1995), conciliando os dois extremos, propunha uma abordagem crítica e moderada, considerando os acréscimos históricos como legítimos e defendendo o uso de técnicas de diferenciação entre partes originais e restauradas.

A Hagia Sophia incorpora aspectos tanto da visão de Viollet-le-Duc quanto da de Boito. Por um lado, mantém sua estrutura bizantina original, com a majestosa cúpula, a planta centralizada e os mosaicos sagrados; por outro, acolheu intervenções significativas de diferentes períodos históricos, sem que isso comprometesse sua essência. Essas múltiplas camadas constituem sua riqueza e tornam sua leitura arquitetônica ainda mais significativa. Em termos brandianos, a basílica preserva sua unidade potencial, sem que isso represente uma falsificação histórica, pois suas marcas do tempo são visíveis e compreensíveis.

A célebre metáfora de Boito — “um manuscrito incompleto de Dante poderia ser completado por outro autor?” — é pertinente à reflexão sobre a autenticidade da obra restaurada. Segundo Boito (1995), não se trata de copiar o estilo original, mas de respeitar a historicidade e as transformações legítimas da obra. Do mesmo modo, uma reconstrução exata da Hagia Sophia em estilo puramente bizantino negaria sua trajetória plural, seus usos diversos e a experiência estética e simbólica que se transformou ao longo dos séculos.

Portanto, não é possível isolar a obra de seu contexto histórico, social e espiritual. Cada modificação, cada intervenção e cada nova função da basílica são testemunhos da evolução cultural e religiosa da humanidade. A arte e a arquitetura, ao contrário do que propõem abordagens essencialistas, não existem em vácuo: “não se repete a mesma obra, pois nem o próprio artista é o mesmo em outro momento” (Brandi, 2004). O restauro, nesse sentido, deve atuar como mediador entre o passado e o presente, entre o valor estético e o valor histórico, garantindo que obras como a *Hagia Sophia* permaneçam vivas, compreensíveis e respeitadas em sua totalidade complexa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise estética da Basílica de Hagia Sophia, concebida dentro do estilo bizantino, revela-se profundamente enraizada nos pressupostos filosóficos do neoplatonismo tardio e nos escritos de Pseudo-Dionísio Areopagita. Tais paradigmas oferecem as bases para compreender a atitude da Antiguidade Tardia em relação à arte e à beleza, concebidas não apenas como atributos formais, mas como vias de acesso ao divino. Esses conceitos metafísicos de estética, embora abstratos, são articulados a partir de experiências sensoriais e

perceptivas que moldam a forma como o mundo era compreendido, constituindo, assim, um elemento estruturante da identidade cultural bizantina em seu período inicial.

A abordagem estética aqui proposta distingue entre os dados estéticos inerentes ao objeto — presentes na composição formal e na decoração arquitetônica do século VI — e aqueles derivados das respostas estéticas suscitadas no observador. Essa análise contempla não apenas os aspectos materiais da arquitetura e ornamentação de Hagia Sophia, mas também as respostas literárias geradas por ela, em especial por meio da *ekphrasis* — um gênero retórico que buscava traduzir, através da linguagem, os efeitos sensíveis provocados pela obra de arte.

As descrições retóricas da *ekphrasis*⁴³ bizantina não apenas evocam os atributos físicos da Basílica, mas reconstroem as experiências cognitivas e perceptivas do observador do século VI. Dentre os elementos estéticos centrais recorrentes nessas descrições, destaca-se a luz, concebida como fator determinante da experiência espiritual do espaço sagrado. A luz, longe de ser apenas um fenômeno físico, é representada como símbolo da sabedoria divina — uma presença imaterial que organiza, revela e transcende o espaço arquitetônico.

A associação entre luz e sabedoria, amplamente testemunhada nas fontes literárias e nos próprios efeitos visuais da arquitetura, sugere uma estética integrada e intencional, na qual forma, função e simbolismo atuam de maneira entrelaçada. Essa ênfase na luz como meio de mediação sensorial e espiritual não é exclusiva de Hagia Sophia, mas pode ser observada em outros monumentos contemporâneos, demonstrando a difusão de uma sensibilidade estética compartilhada no início do período bizantino.

Portanto, ao reconhecer a interdependência entre estética — compreendida aqui como a experiência sensível da arte — e seus condicionantes afetivos,

⁴³ descrição escrita de uma obra de arte produzida como um exercício retórico.

cognitivos, morais, políticos e técnicos, este estudo propõe que a arquitetura e o design interior de Hagia Sophia resultam de múltiplas escolhas estéticas, inter-relacionadas e conscientemente articuladas. Tais escolhas não apenas estruturam a materialidade do edifício, mas também dão forma a uma experiência perceptiva que traduz o ethos cultural e espiritual do Império Bizantino nascente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMY. *Mosaico bizantino Deesis na parte superior das galerias da Hagia Sophia em Istambul, Turquia*. Disponível em: <https://www.alamy.it/foto-immagine-deesis-bizantina-mosaico-sulla-parte-superiore-delle-gallerie-di-hagia-sophia-a-istanbul-turchia-47929592.html>. Acesso em: 4 jun. 2024.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 1988.

BOITO, Camillo. *Os Restauradores*. Lisboa: Edições Orion, 1995.

BRANDI, Cesare. *Teoria do restauro*. Lisboa: Edições 70, 2004.

CEYHAN, Enis Can. *Interior of Hagia Sophia in Istanbul*. Wikimedia Commons, 2021. 1 fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hagia_Sophia_interior_by_Enis_Can_Ceyhan.jpg. Acesso em: 4 jun. 2025.

CHING, Francis D. K. *Composição arquitetônica: Forma, espaço e ordem*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

EXISTE ARQUITETURA NO CÉU. *Hagia Sophia – Basílica de Santa Sofia*. Disponível em: <https://existearquiteturanoceu.blogspot.com/2015/04/hagia-sophia-basilica-de-santa-sofia.html>. Acesso em: 04/06/2024.

EYICE, Semavi. *Hagia Sophia: A History*. Istambul:

Türkiye İş Bankası Kültür Yayınları, 2012.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 1988.

FILHO, Luiz Antônio Vidigal. *Arquitetura e percepção visual: os princípios da Gestalt na leitura do espaço*. São Paulo: Edgar Blücher, 2003.

HARRIS, Jonathan. *Byzantium and the Crusades*. 2. ed. London: Bloomsbury, 2014.

KRAUTHEIMER, Richard. *Early Christian and Byzantine Architecture*. 4. ed. New Haven: Yale University Press, 1986.

KEPES, Gyorgy. *Language of Vision*. Chicago: Theobald, 1944.

KLEINER, Fred S. *História da arte: a arte no tempo*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

MAINSTONE, Rowland. *Hagia Sophia: Architecture, Structure and Liturgy of Justinian's Great Church*. New York: Thames & Hudson, 1988.

MANGO, Cyril. *Hagia Sophia: A Vision for Empires*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Teoria contemporânea da restauração*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NECİPOĞLU, Gülru. *The Age of Sinan: Architectural Culture in the Ottoman Empire*. London: Reaktion Books, 2005.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua origem*. Lisboa: Edições 70, 1987.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 2004.

RUSKIN, John. *As sete lâmpadas da arquitetura*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2000.

UNESCO. *Hagia Sophia, Historic Areas of Istanbul*. Paris: UNESCO, [2020?]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/356>. Acesso em: 3 jun. 2025.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Dicionário razoado de arquitetura francesa do século XI ao XVI*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.